

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA**

Lidiane Santos
Marciley Militão Melros
Raquelle Santos Dias

**A LUDICIDADE NA PRÉ-ESCOLA COMO AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM DO
ENSINO DA MATEMÁTICA**

**Aracaju - SE
2012/2**

**LIDIANE SANTOS
MARCILEY MILITÃO MELROS
RAQUELLE SANTOS DIAS**

**A LUDICIDADE NA PRÉ-ESCOLA COMO AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM DO
ENSINO DA MATEMÁTICA**

Artigo apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção da graduação de Pedagogia Licenciatura.

Orientador: Prof. MSc. Eduardo Jorge Novaes Schoucair

**Aracaju - SE
2012/2**

A LUDICIDADE NA PRÉ-ESCOLA COMO AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM DO ENSINO DA MATEMÁTICA

RESUMO

A infância precisa ser entendida como categoria social de efetiva importância para a sociedade, a valorização e cuidados necessários à criança permitirá o desenvolvimento da aprendizagem, bem como, garantir um futuro promissor da sociedade. O papel do professor no processo educacional e na aplicação do lúdico em sala de aula promoverá a construção do ensino com qualidade e eficácia. Para a docência de matemática a ludicidade, não só de forma natural, mais intencional, dirigida e conectada com o projeto político pedagógico da escola, facilitará o desenvolvimento integral da criança e do ensino.

Palavras-chave: Aprendizado. Lúdico. Ensino de Matemática

ABSTRACT

The child needs to be understood as a social category of actual importance to society, appreciation and child care necessary to permit the development of learning as well, assured a promising future society. The teacher's role in the educational process and the implementation of playful classroom promoted the construction of the teaching quality and effectiveness. For teaching math playfulness, not only naturally, more intentional, directed and connected with the political project of teaching school, facilitate the development of children and education.

Keywords: Learning. Playful. Teaching of Mathematics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 UM BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA E DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	4
3 IDENTIFICAR COMO DESENVOLVE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO	8
4 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO DA MATEMÁTICA	10
5 O LÚDICO COMO ALTERNATIVA PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA DE MATEMÁTICA	13
6 CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O lúdico e a ludicidade no ensino de matemática foram os objetos de nossa pesquisa, tendo como objetivo a aprendizagem na pré-escola. Para tanto nossa pesquisa se concentra no papel fundamental do professor na valorização e aplicação do lúdico na disciplina de matemática.

A breve pesquisa sobre o tema revela a necessidade do emprego da metodologia de ensino em questão, devido aos altos índices de falta de interesse pela disciplina de matemática, bem como um tipo de fracasso escolar que persiste na fase inicial de escolarização. Estes e outros problemas, como o desenvolvimento da aprendizagem na pré-escola na disciplina de matemática, uma possível mudança em políticas de ensino por parte de gestores escolares, o empenho preponderante do corpo docente no lúdico para a disciplina estudada, o uso de jogos e brincadeiras como métodos facilitadores, enfim, a presente pesquisa abordará alguns desafios em que gestores de educação, professores, família e os próprios alunos enfrentam para fazer da educação na pré-escola um processo facilitador do ensino.

As questões que norteiam a pesquisa discutem até que ponto o processo de aprendizagem por meio do lúdico promove o desenvolvimento do ensino em matemática? Quais alternativas facilitadoras devem ser levadas em consideração pelo professor em sala de aula? O que deve fazer o professor em relação ao assunto? Será que o lúdico tornaria o ensino de matemática mais eficaz, nessa idade específica? Dentre tantos assuntos importantes, comentaremos de forma resumida a proposta da ludicidade em matemática e a importância da mesma na escolarização de crianças na pré-escola.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA E DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

O conceito de infância é fruto de uma construção social, porém, percebe-se que sempre houve criança, mas nem sempre infância. A infância precisa ser entendida como categoria social de efetiva importância para a sociedade, com a sua valorização e respeito, construirá uma história diferenciada.

No decorrer dos séculos, como mostra a história, surgiu diferentes concepções de infância. Primeiramente, a criança era vista como um adulto em miniatura, e seu cuidado e educação eram feitos pela família em especial pela mãe.

Ainda existiam instituições alternativas que serviam para cuidado das crianças em situações desfavoráveis ou rejeitadas.

Sabendo, que, antigamente o sentimento de infância era inexistente. Segundo Ariés (1981), relata que até mais ou menos por volta do século XVI, não existia a particularidade da consciência sobre o universo infantil.

A partir do século XIX e XX, a infância começou a ocupar um lugar de fundamental importância para a família e para a sociedade, começa a se pensar neste ser de pouca idade como alguém que necessita de lugar, tempo, espaço e cuidados diferenciados, começando a delinear-se o que mais tarde evoluiu para o que hoje reconhecemos como infância.

Como consequência, surgem também às primeiras instituições destinadas ao atendimento específico para criança pequena, destinados inicialmente, para o cuidado e a assistência às crianças órfãs, filhas da guerra ou do abandono produzido pela pobreza, miséria e movimentos migratórios.

Data estas primeiras instituições de “Educação Infantil” a primeira metade do século XIX em vários países da Europa, e no Brasil, a partir da década de 1870. Ao longo do século XX, a educação infantil foi produzida e evoluiu de diferentes pedagogos ou educadores, a começar com Froebel, conhecido pela criação dos jardins de infância.

No Brasil, a infância começa a ganhar importância em 1875, quando surgem no Rio de Janeiro e São Paulo os primeiros jardins de infância inspirados na proposta de Froebel, os quais foram introduzidos no sistema educacional de caráter privado visando atender às crianças filhas da emergente classe média industrial.

Já em 1930, o atendimento pré-escolar passa a contar com a participação direta do setor público, fruto de reforma jurídico-educacional. Seu conteúdo visava tanto atender à crescente pressão por direitos trabalhistas em decorrência das lutas sindicais da então nova classe trabalhista brasileira, quanto atender à nova ordem legal da educação: pública, gratuita, e para todos.

A conjunção destes fatores ensejou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais, para que o atendimento as crianças de zero a seis anos fosse amplamente reconhecida na constituição de 1988, culminando no

reconhecimento da Educação Infantil como um direito da criança, e não mais da mãe ou do pai trabalhadores.

A partir daí, a Educação Infantil em creches e pré-escolas passou a ser legal, e um dever do estado e direito da criança (artigo 208, inciso IV). Com a promulgação da nova lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei número 9394/96, a Educação Infantil passa a ser, legalmente, concebida e reconhecida como etapa inicial da educação básica.

Devido a este quesito, das creches foi retirado seu caráter de assistencialismo em contraponto ao caráter educacional das pré-escolas, transformando-as em escolas infantis, ou instituições de atendimento à criança de zero a seis anos. A diferença fundamental de outrora está na subdivisão por faixas etárias, ou seja: a creche é para crianças entre zero e três anos, enquanto a pré-escola atende às crianças entre quatro e seis anos de idade.

Subentende-se, a partir daí, que tanto a creche quanto a pré-escola, devem cuidar e educar as crianças, dispensando a este atendimento institucionais características específicas quanto às necessidades de cada grupo etário, mas não entre atendimento educacional versus atendimento assistencial: ou o que ficou cunhado de modo clássico pelo termo “lidando pobremente com a pobreza”, cunhado por ABRANTES (1987).

Tais mudanças atribuídas a esta lei permitiram a flexibilidade no funcionamento da creche e da pré-escola, permitindo, assim, a adoção de diferentes formas de organização e práticas pedagógicas ao atender a uma ampla gama de necessidade da criança.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, (artigo 29 da lei 9394/96).

De acordo com o art. 29 da lei 9394/96, cabe á escola complementar a ação da família no desenvolvimento da criança na sua globalidade, potencializando o desenvolvimento integral da criança. Desta forma à Educação Infantil cabe um atendimento acerca de propostas pedagógicas consistentes no sentido de fomentar a transformação dos conhecimentos intuitivos em científicos, capazes de promover um trabalho para que as crianças desenvolvam atividades de caráter interativo; capaz também de produzir discussões acerca de seu desenvolvimento intelectual no

sentido de ampliar sua experiência sensorial e reflexiva sobre o mundo físico e social, considerando as marcas de suas origens culturais bem como seus conhecimentos prévios, estabelecendo-se aí, processos de subjetivação, de constituição ativa de sujeitos desde a mais tenra idade.

Atualmente, percebe-se que as propostas de educação infantil dividem-se entre as que reproduzem as referências e os modelos da escola elementar, com ênfase na alfabetização da linguagem escrita e na matemática (antecipando - em miniatura - das práticas de escolarização do ensino fundamental), e as que partem do princípio de que a infância é um tempo de constituição do ser a partir da ampliação das referências com e no mundo; a partir da integralidade do desenvolvimento das diferentes formas de ser e estar no mundo; a partir da brincadeira como princípio de conhecimento sobre o mundo circundante e sobre si mesmo, sobre as coisas e os seres, ou seja, escolas para crianças pequenas que se constituem em espaços de imitação do mundo dos adultos, ou de desenvolvimento de diferentes experiências entre pessoas, a partir de diferentes linguagens, indo muito além das linguagens escritas.

Precisa-se, desta maneira, ter o conhecimento do que é necessário ser desenvolvido com a criança, respeitando suas necessidades caracterizadas pelo desenvolvimento intelectual, físico, emocional, para não incorrerem em equívocos de propostas errôneas e desrespeitosas com relação à infância e à criança.

Entendemos que o importante na infância e o que deve ser priorizado na educação infantil são as interações; das crianças os coetâneos e com os demais sujeitos, gerando experiências de diversas ordens na relação com os mundos físicos, sociais, emocionais que são produzidos em diferentes realidades socioeducativas.

Os primeiros sistemas de escrita surgiram para atender à necessidade de calcular, dividir e repartir riqueza material das sociedades, ou seja, para que uma sociedade possa criar uma escrita, é preciso que haja necessidades materiais.

O ensino da matemática começava cedo nas escolas, juntamente com a leitura e a escrita. A matemática era considerada uma das matérias mais difíceis. Os problemas eram agrupados de acordo com suas aplicações práticas.

Os conceitos matemáticos foram sendo construídos gradativamente até chegarmos ao presente avanço tecnológico. O mesmo que aconteceu ao homem no decorrer da história acontece com a criança no decorrer de sua infância até atingir

uma fase posterior, onde não necessitará tanto de materiais concretos para construir seu raciocínio matemático, pois já será capaz de abstrair conceitos por meio da interação social, produzindo sucessivas transformações em suas estruturas cognitivas.

3 IDENTIFICAR COMO DESENVOLVE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO

O desenvolvimento da personalidade humana ocorre em várias fases que se ocupa de aprendizagens, o indivíduo, por sua vez, aprende a fazer e a retratar o seu eu, tendo como o seu corpo o seu significado, originando suas concepções de afetividade e intelectual que forma sua identidade de acordo com suas condições socioculturais e do seu meio. Aprendizagem nada mais é do que um fenômeno do dia-a-dia, que ocorre desde o início da vida do indivíduo com a modificação duradoura do comportamento através treino, experiência e observação. Considerando a perspectiva sociocultural, sabe-se que a brincadeira encontra-se um papel educativo muito importante na escolaridade das crianças que vão se desenvolvendo e conhecendo o mundo a partir do âmbito escolar através dos intercâmbios sociais que vão surgindo das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores que compõem o corpo docente e que nela interagem cotidianamente. De acordo com Vygotsky (1991, p.03):

Todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade (Luria, 1976). Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. É isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve.

É através da observação do desenvolvimento cognitivo, que podemos ter como ponto fundamental a espontaneidade da criança no meio em que está inserida.

Para a criança é importante que lhe seja oferecido um ambiente rico em materiais e atividades, para que ela possa escolher qual atividade irá desenvolvê-la, permitindo assim que a criança assuma com responsabilidade de suas escolhas.

Não podemos esquecer que o conhecimento, então, se dá de dentro para fora e não o contrário. A criança, no momento que tem liberdade para escolher o que quer conhecer a aprendizagem acontece naturalmente.

É bom lembrar, que essa escolha que é permitido à criança, seja algo que lhe faça construir algum conhecimento. Pois, segundo a teoria piagetiana, a criança é livre para fazer sua escolha mediante as propostas de trabalho apresentadas na escola, dentro de um ambiente enriquecedor, mesmo que seja com materiais didático-pedagógicos e brinquedos construídos com material alternativo.

Essa escolha deve ser assumida com responsabilidade, estabelecendo limites para a criança. É importante lembrar que o professor deve conhecer e respeitar o nível intelectual em que a criança se encontra a fim de não propor atividades que ela ainda não seja capaz de executar, para que não haja uma frustração por parte da criança.

A criança consegue através de suas ações sobre os objetos, inventar e reinventar relações buscando estruturar seu pensamento lógico-matemático. E que as atividades sejam concretas, pois consegue fazer com que as crianças se interessem e aprendam prazerosamente o que lhe é ensinado.

Além disso, a criança é um ser puramente lúdico, não consegue manter sua concentração por mais de 20 minutos numa atividade que não lhe interesse, pois, a criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele as informações que lhe são necessárias. E isso acontece quando sua interação com o meio se faz por intermédio de brincadeiras e da manipulação de diferentes materiais.

Como diz Comenius (apud MELO, 1989), “só se aprende a fazer, fazendo”, e a criança só conseguirá aprender fazendo e não apenas armazenando informações ou preenchendo folhas de exercícios como modo de prestar contas aos pais e à direção de um colégio.

As crianças quando é inserida cedo no meio social e também na escola, ela começa a participar de uma série de situações envolvendo números, relações entre quantidades, noções sobre espaço. E é essa vivência inicial que a criança passa a favorecer a elaboração de conhecimentos matemáticos.

O trabalho que é feito com a matemática pode contribuir para a formação de cidadãos autônomos, capazes de pensar por conta própria, sabendo resolver problemas que apareçam no seu dia-a-dia.

O jogo tornou-se uma prática importante para ajudar no desenvolvimento infantil, ajudando na construção do conhecimento das crianças. Mais isso não significa que só o jogo fará a criança desenvolver sua aprendizagem da matemática por completo.

4 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO DA MATEMÁTICA

O brincar, na Educação Infantil, é importante para o desenvolvimento da criança, pois é através dos jogos e brincadeiras que ela vai desenvolver sua imaginação. Segundo regras estabelecidas ao espírito lúdico e a necessidade humana de comunicação da qual as brincadeiras infantis são a primeira manifestação, todos os jogos desempenham um importante papel no desenvolvimento físico e espiritual do indivíduo.

Por meio da brincadeira a criança transforma o mundo real de acordo com os seus interesses e desejos, reproduzindo assim as suas próprias vivências e construindo a sua própria realidade. Por tudo isso é que se pode dizer que o lúdico é fundamental para a aprendizagem da criança logo, a ludicidade deve permear o espaço escolar a fim de transformá-lo em um espaço onde predomine a liberdade, despertando na criança, a vontade de conhecer e o prazer da descoberta.

No processo da Educação Infantil (pré-escola), o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras fazendo mediação da construção do conhecimento. Piaget (1980) diz que a atividade lúdica, é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável a prática educativa.

É possível criar na sala de aula um ambiente favorável ao processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança sendo necessário, para isso, que se explorem as expressões livres e criadoras das próprias atividades das crianças. Assim, a alfabetização pode se dar a partir do próprio cotidiano da criança, sem que se deixe de lado a aprendizagem social, ou seja, o conhecimento elaborado historicamente.

O jogo é importante no desenvolvimento da criança porque liberta de situações difíceis, no jogo, as coisas e as ações não é o que aparentam ser e, em situações imaginárias, a criança começa a agir

independentemente do que ela vê e começa ser orientada pelo significado (FRIEDMANN, 1996, p 36).

Compreendemos dessa forma que, quando a criança brinca, aplica seus esquemas mentais à realidade que a cerca, onde reproduz suas vivências e transforma o real de acordo com seus desejos e interesses, pois através do jogo ela expressa, assimila e constrói a sua realidade. Em todas as atividades a criança estabelece relações significativas entre o conhecimento e aquilo que é novo, encontrando-se em processo de construção.

Vygotsky (1984) escreveu que no brincar a criança está sempre acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário. Assim, na brincadeira de faz-de-conta as crianças manifestam certas habilidades que não seriam esperadas para sua idade. Nesse sentido, a aprendizagem cria a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a aprendizagem desperta vários processos internos de desenvolvimento.

Então brincar é muito bom no momento em que a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação aquilo que vê. Assim é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê. É sabido que na primeira infância a criança se relaciona com objeto pelo que percebe de imediato e pelo que o objeto a motiva fazer.

Na construção do pensamento lógico-matemático na fase pré-operacional da criança não é diferente, porque é um processo construído progressivamente desenvolvendo na relação do concreto ao abstrato e da relação estabelecida pelo o meio.

Segundo Piaget (1984), os processos de aprendizagens ocorrem da seguinte maneira:

- em face de um problema, ficamos em desequilíbrio por nos encontrarmos diante de uma situação que deve ser solucionada da melhor maneira possível;
- buscamos o equilíbrio (assimilação/ acomodação) por meio de nosso conhecimento anterior sobre o problema;
- com o conhecimento acomodado, partimos para a adaptação;
- organizada a adaptação, provocaremos mudanças estruturais mentais;
- havendo mudanças estruturais, conseqüentemente haverá ocorrido aprendizagem;

As estruturas sendo construídas na pré-escola assume papel importante na formação do raciocínio lógico das crianças de dedução desenvolvendo dessa forma a capacidade de dedução e não a habilidade para calcular mecanicamente.

De acordo com Piaget (1984), noção de número envolve três conceitos básicos: “o de conservação: invariância do número; o de seriação: relação de ordem entre os elementos; o de classificação: inclusão de um elemento num outro mais amplo que o contenha”.

Esses três conceitos constituem as estruturas cognitivas básicas necessárias à construção da noção de números pela criança, na pré-escola a matemática não pode ser vista com disciplina ou matéria escolar, mas como uma atividade do pensamento que está em permanente relação com suas atividades diárias na escola, em casa ou em qualquer outro lugar.

O professor tem um papel fundamental na eficácia e na garantia de ocorrência desse processo na medida em que a criança constrói seu conhecimento lógico-matemático por meio de suas ações sobre o meio e manifestações de seu pensamento.

É interessante a construção progressiva, na prática educacional de estratégias metodológicas que respondam aos objetivos formulados. Essa metodologia deve ser construída, levando-se em conta a realidade de cada grupo de crianças, a partir de atividades que constituam desafios e seja ao mesmo tempo significativas e capazes de incentivar as descobertas, as criatividade e as criticidades.

Trabalhar de forma lúdica está de acordo com o Referencial Curricular Nacional, onde cita que:

o jogo pode tornar-se uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando a uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar à criança algum tipo de conhecimento, alguma relação ou atitude. Para que isso ocorra, é necessário haver uma intencionalidade educativa, o que implica planejamento e previsão de etapas pelo professor, para alcançar objetivos predeterminados e extrair do jogo atividades que lhe são decorrentes.

5 O LÚDICO COMO ALTERNATIVA PARA O PROFESSOR EM SALA DE AULA DE MATEMÁTICA

Azevedo (2002) afirma que, educar não se limita a passar informações ou mostrar um caminho, o qual o professor considera o mais correto, mas é ajudar o educando a ter consciência de si e da sociedade que pertence. É aceitar-se como pessoa e aceitar e respeitar os outros, ou seja, aprender a conviver com desenvolvimento de cada um na construção do conhecimento. E oferecer várias ferramentas para que o discente possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for mais compatível e adequado com suas necessidades e seus valores. Educar, portanto, é preparar para a vida, isto é, é conceder ao educando uma aprendizagem significativa para que ela possa ser útil no seu cotidiano social. Desta forma, é necessário para o educador “conhecer os obstáculos envolvidos no processo de construção de conceitos para que (...) compreenda melhor alguns aspectos da aprendizagem dos alunos” (PCN, 2000, p.39).

Mobilizar situações diferentes daquelas as anteriores, para que novas situações sejam transferíveis, descontextualizadas para serem contextualizadas novamente em uma nova situação, produz o conhecimento pleno. Quando o professor faz uso dos jogos, na sala de aula, pode proporcionar aos alunos uma aprendizagem que os faça relacionar aquilo que aprende com a realidade.

Quando o aluno é colocado em contato com a metodologia lúdica no ensino da matemática logo percebe que a grande necessidade de compreender e aprender que tanto o faz estar apreensivo pode ser superado, pois há possibilidades de adquirir conhecimento brincando e essa descoberta lhe faz muito bem.

Como a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e intelectual, colaborando para uma saúde mental, facilitando os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Segundo KISHIMOTO (2001) “os métodos de educação das crianças exigem que se forneça às crianças um material convincente, a fim de que jogando, elas cheguem assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil”.

O professor através da observação do desempenho das crianças durante o jogo pode avaliar o nível de seu desenvolvimento. É fundamental reconhecer que dentro da atmosfera lúdica, elas manifestam suas potencialidades e, ao observá-las, o professor pode utilizar de meios (instrumentos, recursos, métodos) para tornar a aprendizagem delas mais rica, fornecendo elementos importantes para seu desenvolvimento. Como agente da educação, o professor, não se limita a informar, mas ajudar o indivíduo a encontrar sua própria identidade de forma que contribuam positivamente com a sociedade, desde que a ludicidade seja enfocada como uma alternativa para a formação do ser humano. Desta forma, faz-se necessário que os educadores sejam preparados para trabalhar com esta realidade. E para a educação matemática, propor situações que possam levar os alunos a construir o próprio conhecimento sobre os objetivos e as relações entre eles é uma forma de intervenção muito enriquecedora.

As instituições de ensino de formação de educadores deveriam colocar em seus currículos a formação lúdica para os futuros educadores, a fim de que os mesmos desenvolvam suas capacidades e habilidades para trabalharem os assuntos, em sala de aula, de uma forma menos tradicional, ou seja, uma forma lúdica.

Quando Piaget (1998) reforça a importância do professor quanto ao trabalho em sala de aula, propõe algumas reavaliações em termos de atitude. Ou seja, o professor teria a função de estimular o aluno a pensar e propor situações-problema, proporcionando mais espaço para o descobrimento e construção de suas ideias sobre o mundo em vez de fornecer informações “prontas”, “o que deseja é que o professor deixe de ser apenas um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas” (PIAGET, 1998, p.39).

O papel do professor é fundamental em sala de aula, tem influência decisiva sobre o desenvolvimento do aluno e suas atitudes vão interferir fortemente na relação que ele irá estabelecer com o conhecimento. Piaget (1998) considera a atuação do professor como indispensável, na medida em que deve ter um papel ativo no processo de aquisição de conhecimento de seus alunos, ajudando-os a construir e organizar suas ideias, ampliando o olhar sempre que possível, estimulando a pesquisa e a ação intencional.

O professor não seria mais aquele que expõe todo o conteúdo aos alunos, mas um mediador daquilo que o aluno não teria condições de obter sozinho, o que cria condições para que os alunos busquem as informações necessárias e saibam como desenvolver cada uma dessas informações.

Na matemática o lúdico explora a inteligência lógico-matemática, musical e espacial da criança, além de desenvolver formas de raciocínio, resolver problemas e identificar os conhecimentos matemáticos como um dos meios para o conhecimento do mundo.

Em todas as atividades a criança estabelece relações significativas entre o conhecimento e aquilo que é novo, encontrando-se em processo de construção. Portanto compreendemos que a criança quando brinca está aplicando seus esquemas mentais à realidade, aprendendo e assimilando, onde reproduz suas vivências e transforma o real de acordo com seus desejos e interesses, pois através do jogo ela expressa, assimila e constrói a sua realidade.

Piaget (1980) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável na prática educativa. No processo da Educação Infantil, o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras fazendo mediação da construção do conhecimento.

Na educação infantil podemos afirmar, se referindo as brincadeiras nessa fase, que é uma educação por excelência, porque na brincadeira vão ocorrer as trocas e o convívio com suas diferenças, proporcionando o desenvolvimento da imaginação, da linguagem, da compreensão e apropriação de conhecimentos e sentimentos, que irão exercitar a iniciativa e a tomada de decisões. Nesse caso o papel do professor é compreender que enquanto brinca a criança aprende então, ensinar tudo isso e muito mais, brincar é a ludicidade do prazer. Ao brincar de faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de um personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento que invocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias. À medida em que a criança constrói seu conhecimento lógico-matemático por meio de suas ações sobre o meio e manifestações de seu pensamento. O papel do professor é fundamental na eficácia e na garantia de que realmente a aprendizagem irá ocorrer.

No ensino das operações matemáticas, aprender brincando não é apenas um passatempo, é estimular o desenvolvimento do raciocínio reflexivo daqueles que jogam e, considerando-se a grande variedade de jogos e brincadeiras possíveis no ensino da matemática, é necessário que os educadores se voltem para tal fim, pois é grande a necessidade dos educadores trabalharem práticas diferentes, como as lúdicas em sala de aula, de forma mais séria e organizada, provocando motivação e despertando o interesse do aluno, pois, a partir dos erros e acertos e da necessidade de análise sobre a eficiência de cada estratégia há o amadurecimento na aprendizagem.

Se o professor der ênfase na proposta do lúdico, encontrará uma importante metodologia, que pode até contribuir para diminuir os altos índices de fracasso escolar e evasão verificados nas escolas, pois a partir do momento que o aluno se envolve com o aprendizado as chances de ele fracassar ou desistir da escola diminuem consideravelmente. Com isso, a escola se tornará um estabelecimento de aprendizagem, onde alunos e professores fazem parte de uma mesma “moeda” na aquisição de conhecimentos, se tornando dignos de uma escola que promova o indivíduo pensante.

No entanto, o sentido verdadeiro da educação lúdica, só estará garantido se o professor estiver preparado para realizá-lo, tiver conhecimento sobre os fundamentos da mesma e vontade de estar em contínuo aprendizado e renovação, pois trazer atividades que interessem aos alunos demanda pesquisa, estudo, observação das crianças com as quais se trabalha entre outros esforços por parte do educador. Pois não é só dar qualquer jogo por ser educativo ou propor uma brincadeira, o professor precisa mediar este processo e, mesmo que não participe efetivamente, estar muito atento ao que acontece para saber aonde intervir.

Quando o professor se conscientiza das vantagens do lúdico, e adequa a determinadas situações de ensino, pode utilizar de acordo com suas necessidades e angariar grandes resultados. O pedagogo, como pesquisador, estará em busca de ações educativas eficazes para que o mesmo prazer que a criança tem ao sair para o recreio, ao ir às aulas de Educação Física ou na hora da saída, esteja presente na sala de aula. (NEVES, 2007).

[...] em uma sala de aula ludicamente inspirada, convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável; o professor renuncia à

centralização, à onisciência e ao controle onipotente e reconhece a importância de que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem; a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas. Podemos observar que essas atitudes, de um modo geral, não são, de fato, estimuladas na escola. (ALMEIDA, 2009).

No entanto os professores, além desses fatores, devem estar atentos a mais uma questão muito importante e que mexe com o papel do professor e por mais que se tenham muitas discussões acerca da necessidade de mudança deste papel, de desconstrução de certas crenças, ainda é muito forte. Renunciar e modificar algumas posturas e atitudes já incorporadas se torna mais difícil, pois lidar com a mudança, com o diferente é desafiador e nem todos estão abertos para tanto.

Mas, se ainda é complicado a inserção da ludicidade em sala de aula para crianças, no caso dos adultos, na formação dos professores torna-se uma realidade mais distante ainda. É importante considerar que a formação lúdica não é importante somente para a criança, mas também para o educador, pois possibilita a ele conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades, seus limites, suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança, do jovem e do adulto. (KISHIMOTO, 1999).

O professor deve fazer uso da metodologia do lúdico e dar a devida importância. Mas é essencial que o educador tenha uma formação continuada, e perceber o desenvolvimento de atividades lúdicas para as crianças, jovens e adultos quando leva para sala de aula atividades dinâmicas e criativas independente da faixa etária, que possa através da troca de experiências com outros profissionais se renovar e inovar a sua prática fazendo com que seus educandos possam ficar cada vez mais interessados e envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem.

Até agora foi falado do professor, da responsabilidade do professor, das propostas do professor. Mas não é fácil também para as crianças lidar com o diferente, com a mudança em sala de aula, o que vai exigir muito mais paciência e determinação do professor que estiver trazendo propostas diferenciadas.

A criança, mesmo as que vão à escola pela primeira vez, já vão com conhecimentos prévios, informações e instruções que trazem de casa e há casos desses conhecimentos serem preconceituosos em relação à escola, tais como: que é cansativo, que é difícil, é chato, tem que estudar muito, ou seja, ela já vai com a crença de que não é bom. Então ao se propor uma atividade que é uma brincadeira

a criança fica confusa, pois ainda não sabe como lidar com o contexto. Então fica difícil para o professor controlar e conduzir a atividade e vira uma bagunça, até que se torne natural, ter prazer na escola, na aula e na aquisição de novos conhecimentos.

Quando o educador escolhe, prepara e traz uma dinâmica diferente e interessante para sala de aula à expectativa cai por água a baixo quando a turma demonstra pouco ou nenhum interesse pela atividade (que ao ver do professor era uma muito interessante). Isto serve como fator extremamente desestimulante ao educador que teve que ir atrás de materiais e de ideias para levar às crianças. Cabe ao professor ser persistente e ter como desafio a aplicação da proposta. Para que a criança possa começar a conviver com uma nova metodologia, diferente da sua concepção de escola, ela precisa exercitar o brincar em sala de aula, o brincar neste espaço que sempre foi visto como sério.

Quanto mais os alunos enfrentam dificuldades de ordem física e econômica, mais a escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria, não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo ao prazer. A alegria deve ser prioridade para aqueles que sofrem mais fora da escola (NEVES, 2007). Quando a escola é vista como um espaço em que não há tempo para o prazer, ou seja, alegria, muito pelo contrario em que temos que cumprir os deveres e esperar que acabe. Os alunos (em alguns casos) esperam ansiosos pelo final de semana, pelas férias de final de ano e a se tornarem adultos para saírem da escola. Porém os que realmente possuem conhecimento percebem que o estudo nunca cessa, e nunca deveria cessar o conhecimento não é estático e nem imutável, ele está em constante transformação e renovação e para que o professor esteja atualizado enquanto profissional precisa estar estudando sempre.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou-se apresentar a ludicidade na pré-escola como auxílio na aprendizagem do ensino de matemática, partindo do pressuposto de que existem inúmeras formas de ensino e metodologias para a aprendizagem, formas consideradas ao longo do tempo eficientes no contexto da pedagogia. Entretanto nossa conclusão sugere que o lúdico no ensino de matemática, não só se mostra eficiente, bem como, eficaz.

A história do processo educacional, ao longo dos anos, demonstrou as dificuldades, as etapas e as conquistas que a educação infantil enfrentou, deixando claro, a necessidade de aprimoramento das técnicas aplicadas, das estruturas físicas, de leis governamentais e da capacitação docente, enfim medidas e ações, de ontem que refletem no hoje para ampliar o amanhã de uma educação de qualidade e um ensino prazeroso.

Nesta pesquisa perceberam-se, também, o papel fundamental do professor em sala de aula, suas atitudes positivas em relação ao emprego do lúdico em suas múltiplas formas, e de acordo com a realidade vivenciada. O professor sempre será a peça fundamental, o agente transformador do conhecimento em experiências que ajudam na formação integral dos alunos.

Por fim, através da ludicidade em sala de aula do lúdico no ensino de matemática, professores e alunos estarão trabalhando de forma construtiva na formação acadêmica e sociocultural de todos. Dessa forma os alunos terão oportunidades de crescimento amplo em todas as áreas de suas vidas.

A matemática através de jogos, brincadeiras e outras formas de ludicidade, encontrarão mais facilmente seus objetivos cognitivos, bem como, seus objetivos acadêmicos, os alunos terão mais disposição em aprender e o saber sempre terá “o novo”, “o diferente”, “o surpreendente” e nessa troca de experiência que se pretende alcançar o objetivo da ludicidade no aprendizado de matemática, que é o conhecer, o aprender e o ensinar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anne. Recreação: **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em 23 set. 2012
- ARANÃO, Ivana Valéria Denófrío. **A matemática através de brincadeiras e jogos**. Ivana Valéria Denófrío Aranão. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- AZEVEDO, Andrea Elisa Santana Barreiros de. **A Importância dos Brinquedos e brincadeiras na escola**. Trabalho de Conclusão de Curso, Aracaju, 2002.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.3v.

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. 10. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

KISHIMOTO, M.T. **Brinquedos, brincadeiras e a educação**. Ed. Cortez, 5ª ed. São Paulo, 2001.

MARANHÃO, Diva Nereida Marques Machado. **Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 4. Ed. /Diva Maranhão. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

NEVES, L. O. R. **O Lúdico nas Interfaces das Relações Educativas**. Um Ed. Porto Velho - Rondônia: Editora da universidade Federal de Rondônia – EDUFRO, 2007.

OLIVEIRA, Vera Barros de, organizadora, **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIAGET Jean, **Psicologia e Pedagogia**. Ed. Forense Universitária 9ª ed. 1998 2ª reimpressão, 2008.

SANTOS, Marliene Gomes da Graças. **A importância do brinquedo na educação infantil**. 2004. 45 f. Faculdade Pio Décimo. Aracaju, 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos, organizadora, **Brinquedoteca : o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<http://www.partes.com.br/educação/históriadainfância.asp>